

## **PRÁTICAS ARTÍSTICO-PEDAGÓGICAS EM ESPAÇOS NÃO FORMAIS: O MICROCOSMO DA CARONA ESCOLA DE TEATRO COMO POSSIBILIDADE DE PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES**

Sabrina Moura<sup>1</sup>

Os desdobramentos tecidos em torno do ensino do teatro em espaços não formais partem do microcosmo da Carona Escola de Teatro, situada na cidade de Blumenau, Santa Catarina, dentro das instalações da Sociedade Dramático Musical Carlos Gomes (Teatro Carlos Gomes). A Escola, fundada no ano de 2004, é fruto de uma parceria entre a Cia Carona de Teatro<sup>2</sup> e o Teatro Carlos Gomes<sup>3</sup>. Desde o princípio, o curso caracterizou-se como um *Curso Livre de Teatro*, com um encontro semanal, que inclui a montagem de um espetáculo, apresentado na Mostra Carona de Teatro<sup>4</sup>. As turmas dividem-se entre crianças, adolescentes e adultas/os, com e sem experiência teatral, em grupos de até 15 estudantes.

O espaço artístico-pedagógico representou um novo modo de o grupo relacionar-se com a comunidade, afetou os modos de produção artística e executiva da Cia e passou a ser visto como uma extensão da pesquisa do grupo. A Cia Carona busca dialogar com a cena contemporânea, que, a partir de meados do século XX, passou a imprimir procedimentos que rompem com uma lógica dramática, centrados no texto, com uma narrativa linear, cronológica, consensual, de causa e efeito. Assim, os processos criativos partem da lógica colaborativa, pois, mesmo que cada pessoa envolvida assuma uma função (atriz, diretora, dramaturga etc.), todas/os as/os participantes são coautoras/es na criação do espetáculo como um todo. As particularidades das pessoas envolvidas e as possibilidades criativas das vozes polifônicas constituem o próprio processo artístico.

Esse jeito de produzir estende-se para o Curso Livre, buscando subverter – não apenas dentro da Cia, mas também nas coletividades que cada turma representa – uma ordem hierárquica vigente em várias instâncias sociais. Nesse sentido, a prática artístico-pedagógica assume um caráter dialógico, que se propõe a abrir espaços de escuta, de inventividade, de

---

<sup>1</sup> Integrante da Cia Carona de Teatro, coordenadora da proposição Articulando a Plateia de Teatro, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Teatro na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

<sup>2</sup> Fundada em 1995, na cidade de Blumenau, o grupo é composto atualmente por: Fábio Hostert, James Beck, Pépe Sedrez, Sabrina Marthendal e Sabrina Moura. Ver [www.ciacarona.com.br](http://www.ciacarona.com.br).

<sup>3</sup> Entidade cultural, fundada em 1860. Ver <http://www.teatrocarlosgomes.com.br>.

<sup>4</sup> A 1ª Mostra Carona de Teatro foi realizada em dezembro de 2004 e aconteceu semestralmente até dezembro de 2011. A partir do ano de 2012, o evento passou a ser realizado anualmente, caminhando para 24ª edição em 2021.

visibilidade, que estimula a autonomia crítica e criativa das/os participantes, e que ressoa, de modo indissociável, em questões que tocam o contexto social e político.

Grande parte das pessoas que chega à Escola Carona tem, porém, uma ideia bastante clássica da arte teatral, pautada nos princípios dramáticos, cujas principais referências são as telenovelas brasileiras, séries e filmes. O interesse das/os estudantes pelas aulas de teatro não têm necessariamente relação com seguir uma carreira artística. Algumas pessoas querem realizar uma curiosidade em fazer teatro, um desejo antigo, outras as intenções correspondem em perder a timidez, melhorar a comunicação, superar medos, desenvolver a autoconfiança, melhorar desempenho profissional etc. Pessoas de diferentes realidades, com objetivos diversos que passam a conviver e criar juntas.

Apesar de configurar-se como uma escola particular, a Cia Carona busca promover o acesso das pessoas economicamente desfavorecidas por meio dos programas de bolsas de estudo, destinadas principalmente a menores de idade das escolas da rede pública da cidade. Existe também uma política interna de ofertar bolsas para grupos considerados minoritários, na tentativa de democratizar o acesso ao teatro e promover a diversidade nas turmas da Escola. Essa pluralidade torna os processos colaborativos uma possibilidade de confrontarmos diferentes realidades de vida e pode evidenciar os modos de sujeição a que estamos condicionadas/os.

O estilo de vida da sociedade contemporânea, regido predominantemente pelo sistema capitalista, patriarcal, de hegemonia branca, movimenta-se em um ritmo frenético, utilitário, preenchido pelo excesso de informação e pela promoção da desigualdade social. No contexto atual, dedicamos grande parte do nosso tempo e da nossa energia vital com a engrenagem mercantilista. Nosso comportamento, muitas vezes, corresponde à reprodução de padrões estruturais que nos apropriamos e naturalizamos ao longo da vida, sem nunca questioná-los. As demandas de mercado, em geral, interferem nos valores que permeiam a família, a religião, a educação, o que colabora para a constituição de uma sociedade falaciosa em que somos ludibriadas/os em acreditar que somos completamente livres para fazermos nossas escolhas.

Durante as aulas do *Curso Livre*, os procedimentos de criação estimulam as/os participantes a partilharem memórias, impressões, afetos, imagens etc. As percepções de mundo de cada pessoa envolvida permeiam a produção poética e desenham os sentidos dados às cenas criadas e traduzidas pelas/os participantes. Assim, o percurso criativo pode

configurar-se como um território fértil de elaboração coletiva da compreensão de mundo(s), pois “não existe enunciação individual, que não ecoe e dialogue com as vozes do coro social. A produção de conhecimentos e de subjetividades se dá necessariamente no âmbito desse enfrentamento” (DESGRANGES, 2012, p. 21). Nesse contexto, as aulas de teatro em espaços não formais, aqui explicitados pela Carona Escola de Teatro, podem constituir-se como um microcosmo que expõe e confronta os limites entre o campo pessoal e o campo social, promovendo às/aos participantes uma oportunidade de tornarem-se conscientes desses modos de sujeição da vida contemporânea, que ditam padrões homogêneos e consolidam preconceitos.

As práticas teatrais em espaços não formais podem corresponder a um encontro plural, revelando-se como uma brecha para denunciar os processos alienantes de subjetivação, principalmente no que tange à questão interseccional de classe-gênero-raça, assim como a formatação da plasticidade dos corpos, entre outras questões. São demandas que compõem o cenário social e que, muitas vezes, acabam sendo reproduzidas e/ou contestadas durante os processos artístico-pedagógicos e que provocam as pessoas envolvidas a engajar-se em uma luta constante de construção e desconstrução do conhecimento.

Nessa perspectiva, os espaços não formais podem caracterizar-se como importantes mobilizadores na produção de subjetividades, assumindo um papel essencial na transformação de uma sociedade menos preconceituosa e desigual. No entanto, parece-nos essencial que a prática artístico-pedagógica esteja alinhada aos princípios de uma pedagogia dialógica e crítica, que abra espaços de discussão para estranhar a ordem vigente. Cabe ressaltarmos que, muitas vezes, os procedimentos artísticos aqui representados pelo teatro também podem caracterizar-se como mais um dispositivo de sujeição, impulsionado unicamente pelos interesses econômicos e conservadores, transformando a experiência artístico-pedagógica em um entretenimento alienante. Diferente disso, a democratização do processo artístico teatral que cria o microcosmo da Carona Escola de Teatro, assim como em tantos outros espaços não formais, nos possibilita perceber que:

Todos nós somos sujeitos da história. Temos que voltar a um estado de presença no corpo para desconstruir o modo como o poder tradicionalmente se orquestrou [...], negando subjetividade a alguns grupos e facultando-a a outros. Reconhecendo a subjetividade e o limite da indetidade, rompemos essa objetificação tão necessária numa cultura de dominação. (HOOKS, 2013, p. 104).

Assim, os espaços artístico-pedagógicos não formais podem representar um retorno ao estado de presença dos corpos!

### **Referências**

DESGRANGES, Flávio. **A inversão da olhadela:** alterações no ato do espectador teatral. São Paulo: Hucitec, 2012.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir:** a educação como prática da liberdade. Tradução Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.